



Maçambique em Canção: Identidade territorial afro-açoriana na Tafona da Canção Nativa

Mateus Fernandes de Souza¹

Ricardo De Sampaio Dagnino²

Resumo

O artigo analisa a construção da identidade territorial afro-açoriana no Litoral Norte do Rio Grande do Sul por meio das canções apresentadas na Tafona da Canção Nativa, festival musical sediado em Osório desde 1989. A pesquisa destaca o papel do festival na valorização de expressões culturais locais, especialmente aquelas vinculadas à presença negra e à tradição do Maçambique, manifestação folclórico-religiosa enraizada na devoção a Nossa Senhora do Rosário. A partir da análise de canções selecionadas – como “Festa do Rosário”, “Nega Maçambiqueira” e “Moçambique de Branco” –, o estudo evidencia como elementos simbólicos, históricos e geográficos do território são expressos liricamente, reforçando laços identitários e narrativas de pertencimento. Com base em autores como Haesbaert, Arruti e Molet, o estudo aborda a noção de identidade territorial quilombola e a existência de um “litoral negro”, articulando cultura, memória e religiosidade. O Maçambique é apresentado como expressão de resistência e ancestralidade negra, ressignificada nas práticas contemporâneas e celebrada nos festivais. Além disso, o artigo discute como essa identidade territorial se manifesta também na indumentária, na oralidade e na musicalidade, integrando dimensões simbólicas e cotidianas do espaço vivido. A pesquisa propõe que o reconhecimento dessas representações culturais é essencial ao fortalecimento do desenvolvimento local, entendido como processo sustentado na valorização da cultura e da identidade dos territórios. Assim, a Tafona constitui-se não apenas como evento artístico, mas como meio de difusão e afirmação da diversidade cultural e da memória afrodescendente no Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Identidade Territorial; Maçambique de Osório, Cultura afro-açoriana; Tafona da Canção Nativa; Festival de Música.

Maçambique in Song: Afro-Azorean Territorial Identity in the Tafona da Canção Nativa

Abstract

This paper analyzes the construction of Afro-Azorean territorial identity on Rio Grande do Sul's Litoral Norte region through the songs performed at Tafona da Canção Nativa, a music festival held in Osório since 1989. The research highlights the festival's role in promoting local cultural expressions, especially those linked to the black people's presence and the tradition of Maçambique, a folkloric-religious manifestation rooted in devotion to Our Lady of the Rosary. Through the analysis of selected songs — such as "Festa do Rosário," "Nega Maçambiqueira," and "Moçambique de Branco" — the study highlights how symbolic, historical, and geographic elements of the territory are expressed lyrically, reinforcing identity bonds and narratives of

¹ Geógrafo, mestrando do PPG Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento - UFRGS, fernandes.souza@ufrgs.br.

² Geógrafo, professora da Graduação em Desenvolvimento Regional - UFRGS, ricardo.dagnino@ufrgs.br.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



belonging. Drawing on authors such as Haesbaert, Arruti, and Molet, the study addresses the notion of quilombola territorial's identity and the existence of a "black Litoral," articulating culture, memory, and religiosity. Maçambique is presented as an expression of resistance and black ancestry, reinterpreted in contemporary practices and celebrated in festivals. Furthermore, the article discusses how this territorial identity also manifests itself in clothing, orality, and musicality, integrating symbolic and daily dimensions of living space. The research proposes that the recognition of these cultural representations is essential to reinforce local development, seeing it as a process sustained by the appreciation of the territories' culture and identity. Thus, Tafona constitutes not only an artistic event but also a means of disseminating and affirming cultural diversity and Afro-descendant memory in Rio Grande do Sul.

Keywords: Territorial Identity; Osório's Maçambique; Afro-Azorean Culture; Tafona da Canção Nativa; Music Festival.

1 Introdução

A Tafona da Canção Nativa, que muitas vezes neste texto será chamada simplesmente de Tafona, é um festival de música dentro do nativismo gaúcho, um evento de cunho artístico, social e cultural, realizado em Osório e com dimensão de nível nacional recebendo composições musicais de todo o Brasil. Sua primeira edição foi em 1989, juntamente ao 10º Rodeio Internacional de Osório, idealizado por Airton Camargo.

Na Tafona, música, cultura e geografia unem-se em forma de canção que representa um povo afro numa região açoriana ainda viva no século XXI. Destaca-se que segundo Metz (2013): “[...] este foi o festival que incentivou compositores e intérpretes à pesquisa e à recuperação da cultura litorânea do Rio Grande do Sul”.

Através dela, músicos, compositores, cantores e pessoas ligadas ao ambiente cultural e artístico do litoral e do Rio Grande do Sul, buscam participar de atividades voltadas ao folclore e costumes da cultura gaúcha.

Esses festivais podem ser compreendidos como ritos de celebração das identidades regionais, uma vez que exaltam, principalmente, a figura do gaúcho — suas práticas e lidas, comportamentos, atitudes, visões de mundo e estilos de vida —, assim como sua relação com as paisagens, os ambientes, o cosmos, outras culturas, a diversidade cultural e os vínculos entre humanos e não humanos.



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



É importante mencionar que a Tafona diferencia-se dos demais festivais de música no RS. Segundo (FERREIRA, 2014, p. 38) desde sua primeira edição em 1989 há “[...] uma linha para músicas voltadas à cultura afro açoriana do litoral norte do estado”.

Trata o presente artigo de análise das canções do festival Tafona da Canção Nativa, no município de Osório, com vistas à compreensão das identidades territoriais do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Discutimos a importância desta análise como forma de compreensão das representações do Litoral Norte por meio da música, evidenciando a cultura local e sua geografia cotidiana.

Partimos da noção de que existe no litoral norte gaúcho uma identidade territorial própria, matizada pela presença negra, quilombola e mediada pela cultura maçambique. Em termos conceituais, uma identidade territorial quilombola diz respeito ao que Oliveira e Silva (2017), citando Haesbaert (1999) entendem como uma construção que recorre à dimensão histórica, do imaginário das pessoas, tendo como referência o território. Assim, Oliveira e Silva (2017, p. 419) argumentam que essa identidade territorial é: “perceptível nas comunidades quilombolas, posto que as memórias coletivas e o imaginário popular dos grupos estão atreladas diretamente ao território”. Lembrando também que Arruti (2009) defende que atualmente o termo quilombo está intimamente ligado aos três paradigmas: remanescentes, terras de uso comum e etnicidade. E no caso do litoral gaúcho, já se fala de um “litoral negro” (MOLET, 2014).

Ao longo do trabalho apresentamos uma leitura de algumas das canções da Tafona, dando ênfase às representações geográficas sobre o litoral, buscando evidenciar, por meio da análise de canções, as peculiaridades da cultura local associada a sua geografia cotidiana e a forte presença da música folclórica gaúcha nesta região, desconhecida por muitos.

Este trabalho tem como objetivo central compreender as identidades territoriais do litoral norte sul-riograndense nas canções da Tafona, buscando a visão dos compositores sobre a região, sua história, suas imagens e suas geografias cotidianas, sobretudo a ligada à cultura de Maçambique. O trabalho aqui apresentado é um exercício metodológico de leitura destas representações para avançarmos na ampliação de um trabalho de maior fôlego sobre



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



todo o cancionário da Tafona em relação às identidades territoriais negras no litoral norte do Rio Grande do Sul. Reflete uma pesquisa que cruza com a história do autor, que é poeta e compositor, esta parte sobre os festivais foi iniciada em 2019, tendo apresentado parte delas no Encontro Estadual de Geografia, e Seminário de Geografia e Cultura Negra, também em 2019.

Para procedermos com este trabalho, adotamos os seguintes passos metodológicos. Em primeiro lugar realizamos levantamento das 27 edições do festival, a fim de selecionar algumas faixas que representassem a temática a ser investigada. Em seguida buscamos os versos mais emblemáticos de uma representação das identidades territoriais, selecionando os mesmos com vistas ao trabalho interpretativo. Apoiados, por conseguinte, nosso esforço num arcabouço teórico que permitisse a compreensão da identidade destas canções. Paralelamente, foram consultados trabalhos acadêmicos ou literários que se debruçaram sobre identidade territorial, cultura maçambique³ e demais temas relativos aos festivais da canção no RS e, mais especificamente, em relação à canção e geografia.

Desde a primeira edição, em todas há um simbolismo e representatividade sobre os fatos folclóricos da região do Litoral Norte. Na primeira edição músicas como “Cantador do Litoral” (Saldanha e Borges) e “Estância da Serra” (Antônio Augusto Fagundes) retratam com exatidão a riqueza cultural existente. Na segunda edição a canção “Última Noite de Reis” (Ladislau, Catuípe e Brum) relata a história acontecida no final do Sec XIX sobre um assassinato acontecido no município de Osório (na época Conceição do Arroio) referido no Livro chamado “Noite de Reis – Narrativa”, de autoria de Fernandes Bastos, publicado em 1935.

2 Identidade Territorial E Étnica Em Osório

Osório é um município do litoral norte do Rio Grande do Sul, local de conexão de duas importantes rodovias, a BR-290 que liga Osório à capital do estado, Porto Alegre, e a

³ Nos últimos anos, diversas pesquisas desenvolvidas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e outras instituições de ensino, além de pesquisadores independentes, têm realizado importantes contribuições para compreender este movimento cultural, entre eles gostaríamos destacar os trabalhos de Marques (2016) Fernandes (2004), Prass (2009), Heidrich et al (2013), Heidrich e Museu da UFRGS (2013), Barboza (2004, p. 97), Bittencourt Junior (2006), Ladislau (2015).



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



BR-101, conectando o Rio Grande do Sul ao restante do país. Sua origem remete aos primórdios da colonização do então Rio Grande de São Pedro, enquanto no início do século XIX foi criado o município de Santo Antônio da Patrulha, do qual fazia parte a freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Arroio. Em 1857, a conceição do arroio foi emancipada, elevando-se à categoria de vila e, em 1934, seu nome foi substituído por Osório, em homenagem ao Marechal Manoel Luiz Osório, natural da região.

Entre o final do século de XVIII e a primeira metade do século XIX, a grande presença de escravos em Conceição do Arroio esteve associada ao cultivo da cana de açúcar, com destaque para a fazenda Morro Alto, onde existia uma grande concentração de escravos negros e onde existe uma proposta para criação de Território Quilombola (BARCELLOS et al. 2004). Esta região também ficou famosa pois desde 1872, segundo registro de Stenzel Filho (1924) citado por Müller (2005), é nela que se realiza o Maçambique, um tipo de congada⁴ que se realiza anualmente no dia 13 de maio, quando Nossa Senhora do Rosário visita São Benedito na localidade de Aguapés, e em outubro, na cidade de Osório/RS (MÜLLER, 2005).

Edegar Barboza (2004, p. 97) destaca que São Benedito e Nossa Senhora do Rosário foram escolhidos pelos negros escravizados no Brasil por causa de sua cor. Na mesma linha, o trabalho de Bittencourt Junior (2006, p. 19) aponta que de acordo com Vainfas e Souza (2002) a devoção a esta santa acabou tendo grande penetração entre os escravos, sendo que Arthur Ramos (1954) já apontava que os escravos de procedência banto foram os mais receptivos pelo fato de terem entrado contato com a devoção a esta entidade ainda no continente africano.

O pesquisador Ivo Ladislau (2015) menciona que alguns historiadores denominam o povo do Morro Alto de Moçambiques por acreditarem que parte dos escravos vieram desse país, entretanto eles se autodenominam de Maçambiques e quando falam do movimento utilizam a palavra maçambique. Nas palavras de Ladislau (2015):

⁴ Congada: A congada é um evento que faz parte do folclore brasileiro. Trata-se de um desfile ou procissão que reúne elementos das tradições tribais de Angola e do Congo, com influências ibéricas no que se refere à religiosidade.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



Maçambique é o que os negros querem ... Moçambique é o que algumas pessoas pensam que eles desejam. Deixem eles caminharem com suas próprias pernas. Alegam que se não os "ajudarem" o grupo termina. Acredito noutra possibilidade: Devolvam a "caixinha" que tiraram deles e quem sabe no amanhã eles terão sua sede própria e a liberdade de seu folclore. Deixem que cantem seus versos. Deixem sua acentuação oxítona, não tentem corrigi-la, por favor devolvam-lhes a liberdade, para que eles cantem a seu modo a sua gente.

Assim, é importante resgatar o significado do termo Maçambique, como fez Silveira (2005):

Manifestação sócio-cultural-religiosa criada pela raça negra com o intuito de preservar suas origens em ambientes diferentes do qual viviam na África há quase 400 anos. O ritmo é característico do litoral norte do Rio Grande do Sul e começou a ser trabalhado nos festivais pelas pesquisadoras de Ivo Ladislau e Carlos Catuípe. A Moenda, a Tafona e mais adiante o Musicanto foram os primeiros festivais a difundir e acreditar nesta renovação. (SILVEIRA, 2005, p. 66)

Outro historiador, Rodrigo Weimer (2017, p. 108-109) propõe que o maçambique pode exercer diversas funções simultaneamente, tanto como uma forma de reafirmação de vínculos de ancestralidade dos negros com o continente africano, quanto uma forma de apropriação de signos católicos pelos negros.

A senhora Francisca Dias, conhecida carinhosamente como “Preta” e respeitada como Presidente da Associação Religiosa e Cultural Maçambique de Osório, quando entrevistada por Christian Goldschmidt (2013), argumenta que depois de Nossa Senhora do Rosário, as figuras mais importantes para o Maçambique de Osório são o Rei do Congo e a Rainha Ginga (Figura 1). De acordo com a declaração de Francisca Dias, registrada por Goldschmidt (2013):

“Sabemos, de acordo com os historiadores, que o Rei do Congo e a Rainha Nzinga Mbândi eram inimigos na África; porém, aqui na congada, eles fazem parte de uma irmandade. São irmãos tanto do ponto de vista religioso e simbólico quanto em termos de parentesco”. [...] É [a Rainha Ginga] que conhece as rezas e as formas de dar as bênçãos. Faz a ligação entre os devotos e a Nossa Senhora do Rosário, nossa santa e nossa primeira mãe.”

Figura 1 - Missa em louvor a Nossa Senhora do Rosário: em frente ao altar encontram-se sentados o Rei do Congo (de coroa e manto vermelhos) e a Rainha Ginga (de coroa e manto azuis), à direita da foto vê-se a imagem de Nossa Senhora do Rosário.



Fonte: Olavo Ramalho Marques (2016, p. 6)

Retomando a questão do ritual do maçambique, uma parte importante dele é a indumentária, confeccionada de maneira simples, composta por calças brancas, com frisos nas laterais em azul ou vermelho. A camisa também é branca e lisa, sem detalhes, e as mangas arregadas. O avental, herança quicumbi numa versão simples, é um retângulo branco com bordas arredondadas e contornadas por um filete na cor correspondente a das outras peças da indumentária.

O gorro branco é cruzado, no alto da cabeça, por dois frisos da mesma cor das calças, amarrados por uma tira sob o queixo, a indumentária é completa por um par de guizos e um par de maçaaias⁵ atadas nas pernas, na altura da canela (Figura 2). Os pés apresentam-se descalços. Na falta de vestuários característicos, os integrantes participam com roupas de uso comum.

Figura 2 - Pés maçaambiqueiros: as maçaaias são atadas às panturrilhas dos homens durante os festejos.



Fonte: Olavo Ramalho Marques (2016, p. 7)

Os componentes da tripulação, tanto os tamboreiros como os capitães, usam calças, camisa e casacos, de confecção singela, com dragonas de franjas de seda vermelha. Na cabeça, no lugar do gorro, usam boné branco, sem enfeites. Apresentam-se calçados. As

⁵ Espécie de balainho de taquara, tendo seu interior uma frutinha seca chamada de caeté. É usada pelos dançantes das festas de coroação do Rei do Congo e Rainha Ginga. Em algumas regiões brasileiras é usado também amarrada em bastões de madeira que marcam o ritmo musical.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



espadas de metais, com suas respectivas bainhas, completam a indumentária dos capitães-de-espadas.

A Rainha Ginga e o Rei do Congo⁶ usam trajes de passeio com uma capa de seda ou veludo. A da rainha é azul, com grega ou franja na borda, enquanto o rei usa capa vermelha sem enfeites.

A seguir encontram-se as canções da Tafona da Canção Nativa selecionadas como amostra dos relatos nas músicas que evidenciam a identidade territorial maçambique, expressa no ritmo Moçambique e na devoção à Nossa Senhora do Rosário.

3 Identidade Territorial Maçambique Nas Canções

O termo "maçambique" refere-se a um gênero musical afro-gaúcho, com forte presença no litoral do Rio Grande do Sul, especialmente em Osório e na Tafona. O maçambique passou a se fazer presente nos festivais nativistas há 30 anos, a partir da pesquisa realizada por compositores como Ivo Ladislau e Carlos Catuípe. Estes dois juntos, foram os autores que mais escreveram sobre o litoral no festival. Silveira e Marques (2023) afirmam que o maçambique tenha sido inserido pelos compositores e pesquisadores Ladislau e Catuípe, ressaltando que esses dois autores “não são afrodescendentes, em termos de condição racial”.

As três canções selecionadas neste trabalho para ilustrar a identidade territorial do povo maçambique foram as apresentadas nas três edições da Tafona - 10^a, 11^a e 15^a - por serem as mais representativas, como será visto a seguir.

A primeira canção é “Festa do Rosário”, que participou da 15^a edição da Tafona, em 2003, e foi premiada com o troféu de tema Osoriense, destaca claramente a importância dessa santa e mostra como a cultura maçambiqueira é expressada, demonstrando a procissão do negro e os tambores (PEREIRA; SANTOS, 2003).

⁶ Rei do Congo/Rainha Ginga: Personagens principais dos folguedos de moçambique, que recriam a Rainha Nzinga Mbandi de Angola e o Rei do Congo.



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



Hoje tem cantoria
muita fé no santuário
é a procissão do negro
é a festa do rosário

vem pra roda me alumeia
vem dançar o maçambique
hoje tem festa na aldeia
com tambor e repinique

Igualmente representativa dessa devoção à santa é a canção “Nega Maçambiqueira”, premiada com o troféu de tema Osoriense durante a 10ª edição, em 1998 (DICASA, 1998):

Hoje tem festejos em Osório
Vou rezar prá Nossa Senhora do Rosário.

Quero pedir sua ajuda na prece
e até farei uma promessa
que é prá vê se conquisto
meu amor nesta festa

Vou ‘pisá devagá’
que é prá não ‘trupicá’

Quero apenas rever essa nega,
minha rainha.

Alumeia, alumeia
Rainha Ginga
E essa dor que atormenta o meu peito,



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



vê se finda

Por fim, a última das canções destacadas na nossa pesquisa é uma das mais representativas da identidade territorial maçambique é a “Moçambique de Branco”. Canção interpretada por Renato Júnior, recebendo o Troféu Tema Osoriense e classificada em segundo lugar durante a 11ª edição da Tafona da Canção Nativa, em 1999, com letra de Juarez Weber e música de Cássio Ricardo. Essa canção expressa de forma clara e simples o folclore negro (WEBER, RICARDO, 1999):

Pela escuridão do campo vai chegando o pessoal
Essa noite tem assalto [ver nota⁷] num rancho do litoral
Chegando à volta das casas fazendo evolução
É o moçambique de branco da negra tradição

De calça e camisa clara, maçacaia nas panturrilhas
Noite afora o vento leva o eco da cantoria

Lá vem o Rei do Congo com a sua infantaria
Coroa na cabeça e o rosário de Maria
Ai, minha Rainha Ginga, “ói” e pisa “divagá”
Pras pedras miudinhas não “saí” do seu lugar

Senhora dona de casa, Ofereça doce e licor
Que a noite é moçambiqueira Num palavrório do orador
Nesta festa litorânea o branco troca de cor
E mostra que há só um homem diante do criador

⁷ Quando os dançantes, músicos e corte do folguedo de moçambique “invadem” as vilas, povoados, ou quaisquer residências para a exibição de seus cantos e para a celebração em si.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



Esta canção foi mencionada na Dissertação de Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social por Alex Sandro Della Mea (2016, p. 74):

A composição 'Moçambique de Branco', com letra de Juarez Weber e melodia de Cássio Ricardo foi a vice-campeã dessa edição da Tafona e traz um tema bastante relevante para a região, inspirada em um fato real ocorrido a um tempo, quando um padre recém chegado na paróquia local impediu a coroação do Rei do Congo e da Rainha Ginga no recinto da igreja como costumeiramente ocorria até então" (DELLA MEA, 2016, p. 74).

Há que se esclarecer uma confusão que ronda esta canção e que durante anos preocupou historiadores e estudiosos da arte gaúcha. Em alguns momentos "Moçambique de Branco" foi mencionada como "Maçambique de Branco" e atribuída erroneamente como sendo de autoria do cantor e compositor Teixeira (COUGO, 2008). Porém, o equívoco foi esclarecido e fica registrado que na verdade a canção é "Moçambique de Branco" tendo como autores Juarez Weber e Cássio Ricardo (CAMPOS, 2008).

Restando ainda uma dúvida referente ao título, qual seja, se o correto seria Moçambique ou Maçambique, tal como destacado por Campos (2008, n.p.):

"Só resta, a título de curiosidade, esclarecer que o nome da música é realmente Moçambique de Branco. Pois na época, na pesquisa que fora feita nos livros do micro-historiador Guido Muri, ainda se tinha dúvidas se o termo para designar o Auto Folclórico e Religioso dos negros do Morro Alto em louvor a Nossa Senhora do Rosário, seria Moçambique ou Maçambique. Hoje, se sabe que o termo correto é Maçambique."

4 Considerações finais

Buscamos neste trabalho evidenciar algumas representações geográficas sobre o maçambique em Osório (RS) e a influência da cultura negra da construção de uma identidade territorial.



**SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL**
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 A 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



A influência que a cultura negra, quilombola e maçambiqueira tem sobre o festival é tamanha que o ritmo existe na maioria das edições, mesmo não falando literalmente sobre, mas influenciado grande parte das composições.

Na análise das canções notamos a riqueza do festival no que toca a região do Litoral Norte, sua conexão com a ancestralidade, a religiosidade e a cultura negra ressignificada. Neste sentido, destaca-se a música “Festa do Rosário” (PEREIRA; SANTOS, 2003) onde a festa dos negros, com procissão, com os tambores de maçambique ganha um destaque ímpar. Porém, a principal música é “Moçambique de Branco” (WEBER, RICARDO, 1999), com grande representação, desde a indumentária e social, onde diz que todos somos iguais perante a Deus, destacando que se trata de uma festa religiosa.

Para compreender a força da cultura negra e quilombola neste festival e nesta região, é importante não só lembrar do passado escravista associado à agricultura da cana no litoral. Deve-se lembrar que desde o princípio da consolidação do município, o moçambique é reverenciado e cultuado pelos negros da região, e no que toca a formação social da região, faz parte das raízes do município, raiz que dá suporte, alimenta...

Mas, é importante aceitar que existe uma ressemantização do termo quilombo a partir de três paradigmas (ARRUTI, 2009): remanescentes, terras de uso comum e etnicidade.

Entendendo que no caso do litoral essa questão das terras comuns assume uma posição central e com base nas análises das canções selecionadas, podemos dizer que existe uma identidade territorial negra e maçambiqueira no litoral do RS. Corroborando, assim, a tese da pesquisadora Claudia Molet (2014) - baseada na leitura de diversos autores entre eles Bittencourt Junior (2006) e Prass (2013) - a respeito da existência de um “litoral negro”, marcado pela: “[...] presença de diversas comunidades quilombolas, interligadas por laços de amizades, parentescos, compadrios e práticas culturais, muitas delas, possivelmente surgidas no século XIX, redefinidas e reforçadas durante o século XX” (MOLET, 2014, p. 11).

É importante refletir sobre a necessidade premente de projetos de pesquisa cujo objeto seja a valorização da identidade cultural de sua localidade, sendo essa uma



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



qualificada ferramenta indispensável ao desenvolvimento local. Kashimoto, Marinho e Rousseff (2002) afirmam que o desenvolvimento local necessita de um “conjunto de pré-condições para seu crescimento, com vistas à manutenção da identidade local.” (KASHIMOTO, MARINHO e MARINHO, 2002, p.41).

Assim, a identidade territorial se expande através da arte musical literária presente em um festival de representatividade nacional (como é a Tafona) e acaba sendo levada a todos os lugares por onde a informação chega.

Referências Bibliográficas

- ARRUTI, J. Quilombos. Revista Jangwa Pana, Vol. 8, Núm. 1, enero-diciembre, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21676/16574923.48>>. Acesso em 21 set. 2018.
- BASTOS, Fernandes. **Noite de reis: narrativa histórica**. Globo, 1935.
- BARBOZA, Edegar. Maçambique. In: KLEIN, A.; SCHOLL, M.; BARROSO, V. (orgs). Raízes de Osório. Porto Alegre: EST, 2004. p. 96-98.
- BARCELLOS, Daisy Macedo de (et al.). *Comunidade negra de Morro Alto: historicidade, identidade e territorialidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.
- BITTENCOURT JUNIOR, Iosvaldyr Carvalho. *Maçambique de Osório: entre a devoção e o espetáculo: não se cala na batida do tambor e da maçaquaia*. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- CAMPOS, Paulo. *Desfeito o equívoco (pelo menos historicamente)*. Staccatos, n. 70, 12 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://cantadoresdolitoral.com.br/a/a0908.pdf>>. Acesso em 21 set. 2018.
- COUGO, Chico. *Esclarecimento importante (sobre "Maçambique de Branco")*. Revivendo Teixeira, 12 de set. 2008. Disponível em: <http://bit.ly/Maçambique_Branco>. Acesso em 21 set. 2018.
- DELLA MEA, Alex Sandro. *A música dos festivais nativistas do Rio Grande Do Sul como elemento fomentador à afirmação da(s) identidade(s) do povo gaúcho*. Dissertação (Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social). Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, 2016. Disponível em: <http://bit.ly/Della_Mea_2016>. Acesso em 21 set. 2018.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



DELLA MEA, Alex; FREITAS, Vânia. *A música como elemento de afirmação da identidade do povo gaúcho – o fenômeno dos festivais no RS*. In: XVII Seminário Internacional de Educação do Mercosul, Cruz Alta, 2015. Disponível em: <http://bit.ly/Della_Mea_Freitas_2015>. Acesso em 21 set. 2018.

DICASA, Paulinho. *Nega Maçambiqueira*. Intérprete: DICASA, Paulinho. In: TAFONA. 10ª Tafona da Canção Nativa. Caxias do Sul, Multiproduções Comercial Fonográfica Ltda., 1998. 1 CD. Faixa 9.

FERNANDES, Mariana. Ritual do maçambique: religiosidade e atualização da identidade étnica na comunidade negra do Morro Alto/RS. Dissertação (Mestrado em Antropologia social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, UFRGS, 2004.

FERREIRA, Clarissa. *Campeirismo musical e os festivais de música nativista do sul do Brasil : a (pós)modernidade (re)construindo o "gaúcho de verdade"*. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. cap.7, p. 169-190.

HEIDRICH, A. L.; MUSEU DA UFRGS (Orgs.). Maçambique de Osório. Catálogo da exposição. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

HEIDRICH, A. L.; SLODKOWSKI, A. C.; GAMALHO, N. Maçambique de Osório: visão e manifestação do lugar. In: Álvaro Luiz Heidrich; Museu da UFRGS. (Org.). Maçambique de Osório. 1ed.Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013, v. 1, p. 14-19.

KASHIMOTO, Emília Mariko; MARINHO, Marcelo; RUSSEF, Ivan. Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. **Interações** (Campo Grande), 2002.

LADISLAU, Ivo. *Os Maçambiques de Osório: começa hoje em Osório, as 18h30min a festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário com levantamento do mastro*. Notícias - Prefeitura Municipal de Osório, 1 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/LADISLAU>>. Acesso em 21 set. 2018.

GOLDSCHMIDT, Christian. *O Maçambique de Osório e as musicalidades quilombolas do Sul*. Jornal do Comércio, 01/03/2013. Disponível em: <http://bit.ly/Jornal_Comercio>. Acesso em 21 set. 2018.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTERGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO-RS



MARQUES, Olavo. *Festa do Rosário: Maçambique de Osório*. Trama, Revista de la Asociación Uruguaya de Antropología Social, v. 7, p. 5-10, 2016.

METZ, Anahy. *TVE nos Festivais destaca a 23ª Tafona da Canção Nativa*. Fundação Piratini, Estado do Rio Grande do Sul, 13/06/2013. Disponível em: <http://bit.ly/TVE_Tafona>. Acesso em 21 set. 2018.

MOLET, Claudia. O litoral negro do Rio Grande do Sul, durante o século XIX: reflexões sobre o conceito de quilombo. In: *Seminário Internacional Brasil no Século XIX*. Vitória, 2014. 23 p.

MÜLLER, Cíntia. *Comunidade Remanescente de Quilombos de Morro Alto história de luta que agora se traduz em um embate jurídico*. Povos Indígenas no Brasil, Instituto SocioAmbiental, 01 de outubro de 2005. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/es/Not%C3%ADcias?id=48747>>. Acesso em 21 set. 2018.

OLIVEIRA, Andressa; SILVA, Carla. Território, Territorialidade e Identidade Territorial: categorias para análise da dinâmica territorial quilombola no cenário geográfico. Caderno de Geografia, v.27, n.49, 2017.

PEREIRA, Juarez; SANTOS, Loreno. *Festa do Rosário*. Intérprete: SANTOS, Loreno. In: TAFONA. 15ª Tafona da Canção Nativa. Porto Alegre, USA Discos, 2003. 1 CD. Faixa 5.

PRASS, Luciana. *Maçambiques, Quicumbis e Ensaios de Promessa: um re-estudo etnomusicológico entre quilombolas do sul do Brasil*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Porto Alegre: UFRGS / PPGMUS, 2009.

RAMOS, Arthur. *O Folclore Negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.

SILVEIRA, S. *Imagem da Moenda da Canção: planejamento estratégico e mudança de posicionamento*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Públicas). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, UFRGS, 2005.

SILVEIRA, Pedro Leandro Scarparo; MARQUES, Olavo Ramalho. Identidades e grupos étnicos do Litoral Norte do Rio Grande do Sul no Festival Tafona da Canção Nativa. **GIS-Gesto, Imagem e Som-Revista de Antropologia**, v. 8, n. 1, p. e199765-e199765, 2023.

STENZEL FILHO, Antônio. *A Vila da Serra (Conceição do Arroio)*. Sua descrição physica e historica. Usos e Costumes até 1872 – Reminiscências. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1924.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Juliana. *Brasil de todos os Santos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO
E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
Ambientalidades e Desenvolvimento Regional no Litoral Norte do RS
5 a 7 DE NOVEMBRO | IFRS CAMPUS OSÓRIO - RS



WEBER, Juarez; RICARDO, Cássio. *Moçambique de Branco*. Intérprete: JÚNIOR, Renato. In: TAFONA. 11ª Tafona da Canção Nativa. Caxias do Sul, ACIT, 1999. 1 CD. Faixa 9.

WEIMER, R. *Segurando brasas: “pensamento mítico” sobre a infância de ventre livre de uma rainha negra no Rio Grande do Sul*. *Revista Tempo*, Vol. 23, n. 1, p. 105-125, Jan./Abr., 2017.